



Universidade de Brasília

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL E PUBLICIDADE

**CORPO COR:
UM DOCUMENTÁRIO SOBRE PERTENCIMENTO DE ARTISTAS NEGRAS**

Eduarda Rodrigues dos Santos

BRASÍLIA

2023

Eduarda Rodrigues dos Santos

**CORPO COR:
UM DOCUMENTÁRIO SOBRE PERTENCIMENTO DE ARTISTAS NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientadora: Emília Silberstein

BRASÍLIA

2023

EDUARDA RODRIGUES DOS SANTOS

**CORPO COR:
UM DOCUMENTÁRIO SOBRE PERTENCIMENTO DE ARTISTAS NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Brasília, 14 fevereiro de 2023

APROVADO PELA BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof. Emília Silberstein

Prof. Mariana Souto

Prof. Kelly Quirino

Suplente Prof. Pablo Gonçalo

AGRADECIMENTOS

Minha imensa gratidão à minha mãe Irene Rodrigues, que sempre esteve ao meu lado e que mais acredita em meus sonhos do que eu mesma. Mesmo com algumas dificuldades, sempre buscou maneiras de me ajudar em alguma coisa. Portanto, este documentário também faz parte da minha mãe, pois ela é a minha maior inspiração. À minha cachorrinha Aurora, claro, que sempre ao pedir-me carinho, aliviava os meus momentos mais tensos.

À Mari Vasques, que entrou em minha vida de maneira sutil e foi uma das pessoas que mais me deu forças para continuar, sempre me dizendo que este projeto ficaria bonito. Ela esteve presente desde as primeiras ideias sobre este documentário, suportando meus aborrecimentos durante as diárias e trazendo as mais belas ilustrações.

Dedico à minha orientadora, que até hoje não sei como entendeu a ideia deste trabalho, pois a cada explicação sobre o tema durante as reuniões, eu quase cedia às lágrimas. Emília Silberstein, você é incrível! Obrigada por sempre tentar me entender durante este período e incentivar este trabalho desde a primeira reunião.

As artistas Ju Germano, Camila Ferreira, Regina Salgado, todo grupo Sambadeiras de Roda, Haynna e Karla Luz, que contribuíram de forma sensível e muito potencial nas entrevistas e na exibição do particular de cada uma na arte. Minha admiração por vocês só tem crescido.

A Mayerle que me ajudou com a correção deste trabalho, e à Laissa com as perguntas da entrevista. Só vocês para compreenderem o que se passa na minha cabeça, sou eternamente grata por existirem na minha vida.

A equipe que me ajudou bastante com cada função. Sem vocês, não sei como iria conseguir tirar do papel essa ideia de realizar um documentário.

Aos professores Mariana Souto, Kelly Tatiane e Pablo Gonçalo que aceitaram participar da banca.

A todos os meus amigos e conhecidos que me ajudaram na divulgação da rifa, pelas palavras de incentivo e por acreditarem nesse sonho. Sou grata a cada um que me ajudou de alguma forma.

Agradeço às maquiadoras que fizeram parte da equipe e que ficaram super felizes em colaborar com as belezas das artistas. Em especial a Júlia Jordão, que não pôde participar, mas que carrego comigo tudo sobre a diversidade que temos em relação à cor. Fez-me ver este mundo de uma maneira diferente, mais colorido, a amar e aprender profundamente sobre a beleza negra.

RESUMO

Proponho neste projeto a realização de um documentário de curta-metragem sobre artistas negras do Distrito Federal, cujo objetivo é abordar o processo de se tornar uma mulher negra. Desta forma, este projeto audiovisual é utilizado como um meio de auto-expressão, transmitindo uma mensagem de pertencimento individual e coletivo que conecta todas as formas de fazer arte com base em resgate ancestral, que esteve esquecido em nosso interior, e que seja fortalecedor para se amar e valorizar cada detalhe do próprio corpo. O documentário traz quatro trajetórias cujo desdobramento segue experiências comuns em relação à arte e ao autoconhecimento, e pretende compreender de que forma a arte enriquece o nosso encontro com a ancestralidade.

Palavras-chave: Documentário; Artistas Negras; Ancestralidade; Autoconhecimento e Pertencimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotógrafa Angélica Dass, humanae	25
Figura 2- Mapa Mental- Fonte: elaboração da autora	31
Figura 3 - Sambadeiras de roda- Fonte: elaboração da autora	33
Figura 4- foto Thaís Mallon para clipe	33
Figura 5- foto Rabiscão Ilustrado	34
Figura 6- Foto retirada do Instagram	35
Figura 7- Rosana Paulino- Senhora das plantas	36
Figura 8- Pintura de Maria Auxiliadora	36
Figuras 9, 10, 11 e 12- Frames da série ‘Ela quer tudo’	37
Figura 13- Frame do filme ‘Café com canela’	37
Figura 14- MC Tha - Rito de Passá	37
Figura 15- MC Tha - Rito de Passá	37
Figura 16- Luedji Luna - Bom Mesmo é estar debaixo d'água	37
Figura 17 e 18- Rachel Reis - Lovezinho	38
Figura 19 e 20- Black is King- Beyoncé	38
Figura 21- Filhas de lavadeiras	38
Figura 22, 23 e 24- Parque das Garças- Fonte: elaboração da autora	39
Figura 25 e 26- Espaço Mais flor	39
Figura 27- Rifa	41
Figura 28- Frames do vídeo divulgando a Rifa	41
Figura 29 - Cores Figurino (Karla Luz e Larissa)	42
Figuras 30, 31 e 32- Making of	43
Figuras 33 e 34- Camila e Regina- Fonte: elaboração da autora	44
Figuras 35, 36 e 37- Making of	45
Figuras 38, 39, 40, 41 e 42- Regina, Haynna, Karla Luz, Camila e Ju Germano- Fonte: elaboração da autora	46
Figuras 43, 44 e 45- Making of	47
Figura 46- Ju Germano- Fonte: elaboração da autora	48
Figura 47- Ilustração de Mari Vasques	49

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Problema de pesquisa	12
3. Justificativa	14
4. Objetivos	17
5. Referencial teórico	18
5.1. Documentar minha existência	18
5.2- Processo de resignificação	22
5.3- Se expressar na arte: conexão com a ancestralidade	26
6- Metodologia	30
6.1- Pré- produção	31
6.1.1 Perfil das personagens	32
6.1.2 Estética	35
6.1.3 Roteiro das perguntas	39
6.1.4 Contribuição de custos	40
6.2 Produção	42
6.3 Pós- produção	48
7. Considerações finais	50
REFERÊNCIAS	52
Filmografia	54
ANEXOS	55

Eu, mulher negra, resisto.

Eu, mulher negra, resisto.

Resisto ao racismo descarado ou velado na sua falsa bondade.

Resisto ao padrão medíocre imposto e alimentado por você.

Resisto a sua colonização todas as vezes que cubro meu ori e reverencio com meu oja todas aquelas que guerrearam antes de mim.

Eu, mulher negra, resisto e não me calo.

Não me calo sempre que grito que nasci pra ser senhora de mim e não serviçal de ninguém.

Não me calo mesmo carregando em mim a dor pelo extermínio dos meus filhos, irmãos, pais ou companheiros. E mesmo assim, e ainda mais assim, continuo lutando.

Não me calo e não abaixo meus olhos frente sua intolerância.

Ergo minha cabeça e danço livremente em saudação às minhas Yabás.

Eu, mulher negra, resisto, não me calo e luto.

Luto pelo direito de ser quem eu sou, sem precisar me disfarçar ou dilacerar para ser uma outra que é diferente de mim.

Luto por viver o amor verdadeiro e liberto de qualquer amarra, julgamento ou classificação.

Luto para que nós que aqui estamos e as que depois virão, tragam vivas em sua pele, coração e ações a herança de saber de onde viemos.

Eu, mulher negra, resisto, não me calo, e luto porque sou mulher negra.

Literatura negra feminina- Poemas sobre(vivência)-
Elizandra Souza e Iara Aparecida

1. Introdução

Este memorial reflete sobre a produção do documentário "Corpo Cor", com duração em torno de 20 minutos, cuja realização se deu entre outubro de 2022 e janeiro de 2023, no qual é relatado todo o processo de produção. O projeto se baseia no conceito de trazer trajetórias de quatro artistas negras, através de depoimentos ligados à arte, todo o processo de pertencimento, autoconhecimento e autoestima.

A ideia de fazer um documentário surgiu a partir do momento em que parei para refletir sobre meu propósito ao estudar o audiovisual, e sobre quem eu sou. Ao questionar o porquê de muitas vezes me sentir desconfortável em certos lugares, como uma inquietação por dentro, querendo saber o que havia feito de errado devido a falas e olhares desagradáveis, o que me deixava insegura sobre meu próprio corpo, cor, traços e cabelo. Acabei percebendo que não havia nada a mudar em mim; em vez disso, precisava fortalecer minha identidade como mulher negra. Se a liberdade de se expressar fosse mais simplificada para o negro, o mundo teria mais oportunidades de conhecer a fundo a cultura afro-brasileira, que durante muito tempo foi considerada inferior e apagada. O preconceito que atinge a autoestima, escancarado de piadas insensíveis, por vezes leva até mesmo a dificuldade de olhar para a própria identidade.

Reconhecer o significado de cada detalhe do próprio corpo é um grande processo. E só agora, depois de ter tido experiências e conhecido outras mulheres negras incríveis, é que passei a valorizar minhas características que têm símbolos marcados de ancestralidade. A ancestralidade que vejo hoje é a relação de embarcar em cada detalhe da minha autoimagem numa viagem interna e externa, partindo da sensibilidade de olhar para si mesma.

Por muito tempo, sentia um vazio por dentro do que seria herança cultural, que traz diversos significados de resistência. Foi um longo processo de autoconhecimento para entender o que é ser mulher negra na sociedade através de contatos com outros com a mesma história e vivência. Mas só consegui compreender melhor a questão racial à minha volta depois de um choque de realidade promovido pela interação com pessoas que conheci na comunidade acadêmica e entre ensaios fotográficos. Fotografar mulheres e poder escutar as experiências delas foi algo muito importante para o meu lado artístico.

Durante esse processo de autodescoberta, percebi que levei um certo tempo para compreender completamente algumas questões. Durante a adolescência, eu estava dentro de uma bolha padrão, um paradigma que atinge a autoestima de pessoas negras que estão no processo de começar a entender sobre sua própria beleza. Ainda há poucas referências às

peças negras dando possibilidades de presença nos espaços a partir de nossas primeiras interações sociais na escola, o que é importante, pois, a sociedade se desenvolveu através de várias trajetórias culturais, como as culturas indígenas e negras, embora tenha sido contada através de contextos de sofrimento e de enfoque eurocêntrico. Assim, esse processo de redescoberta tem como viés a busca da cultura afro-brasileira, observando a causa da inferiorização da imagem do negro pela branquitude. Há muitas pessoas pretas fazendo atos importantes, contudo, muitas vezes são invisibilizadas.

Ao acompanhar algumas histórias de mulheres negras que tive a oportunidade de ouvir, muitas relataram que não se sentem confortáveis com a sua aparência, fazendo todo o possível para obter o padrão de alisar os cabelos e procedimentos para alterar o nariz. Este é apenas um dos muitos fatores que frequentemente contribuem para a solidão das mulheres pretas, e que atingem a autoestima ao ponto de não se amarem. Notei que após ter assumido o meu cabelo crespo, senti olhares intimidadores, deixando-me com um sentimento de insegurança, e apesar de ter representações em muitos campos, continuamos a enfrentar o racismo na nossa vida cotidiana. Temos muito a transformar para alcançar a ruptura do preconceito que coloca a cultura negra e a beleza como inferiores à branquitude, de modo a ocupar os espaços pelo que somos e levando conhecimentos ancestrais.

Por isso, parei para analisar todo este processo de autoamor, e ter laços com outras mulheres tornou-se algo fortalecedor para a realização deste documentário. Isto despertava um olhar mais sensível sobre o próprio corpo, e, ao pensar na questão de levar uma mensagem ao público de acolhimento do que é ancestral, foi desenvolvido um roteiro com base em alguns mapas mentais que elaborava até chegar ao assunto que desejava abordar, que passou por várias mudanças até chegar à última versão apresentada neste trabalho.

O memorial é dividido em duas partes, sendo que a primeira é o referencial teórico que inclui três subdivisões: a) documentar a minha resistência; b) o processo de redefinição; e c) se expressar na arte: conexão com a ancestralidade. Assim, esta parte tem por base o aprofundamento de questões sobre documentário, sensibilidade, o encontro com a ancestralidade, e a mulher negra na arte. Na segunda parte, discorro sobre a metodologia em três fases: a) pré-produção, na qual procuro possíveis personagens e a equipe, além da divisão em perfis de personagens, estética, roteiro das perguntas e rifa; b) produção, que traz todo o procedimento das diárias; e c) a pós-produção de todo o material feito durante as diárias.

O projeto pretende, assim, trazer visibilidade às incríveis trajetórias das artistas negras, de modo a contribuir para a representação afirmativa da cultura afrodescendente, permitindo

que o leitor inicie através de histórias pessoais, todo o reconhecimento interno e externo. Este é um registo da minha experiência na produção de um documentário, destinado a qualquer pessoa interessada em aprofundar a realização de algo parecido.

2. Problema de pesquisa

Nesse processo de me conectar ao meu corpo negro, analisei algumas questões de como é duro se aceitar e como a sociedade é cruel até mesmo para uma criança negra que ainda está no caminho de saber quem realmente é. É em meio à solidão nos espaços sociais que ela aprende que a vida vai ser duas vezes mais dura, muitas vezes se sente perdida no sentido de entender que não tem nada de errado com você depois que procura referências relevantes para levar durante a vida. A questão de utilizar recursos visuais é bem abrangente para dar forças a quem ainda está se reconhecendo, mesmo com o lado cruel de enfrentar pessoas que não respeitam ou notícias que machucam. Porém, essa força está aumentando em relação às referências de pessoas negras em diversos papéis sociais.

Dessa forma, quis aprofundar a questão das mulheres negras nas artes. Observar o que fazem para se sentirem bem e utilizar a ferramenta visual para demonstrar que são plurais na forma de pensar. Estudando sobre audiovisual, o olhar foi se aprofundando na questão de ser sensível a tudo direcionado às mulheres negras, principalmente o que engloba a área artística. É algo pessoal tornar a arte a minha forma de ver o mundo e como ela me ajudou nesse processo de me reconhecer por dentro. A arte de retratar que podemos sim ser mulheres sensíveis, uma maneira de encontrar o que gostamos de fazer.

Acredito que a arte é um dos meios mais profundos para dizer algo sobre o mundo. Depois de muitos aprendizados – ainda tenho muito que aprender –, constatei que gosto de me expressar por meio da arte, por exemplo: uma simples foto já é o suficiente para eu demonstrar sentimentos, mostrar um ponto de vista sobre o meu mundo particular. Por trás das fotografias, já escutei histórias incríveis, além do empoderamento de, principalmente, mulheres pretas. Diante de algumas inquietações e convicções, pretendo explorar a seguinte questão neste trabalho: como a mulher negra expressa, hoje em dia, por meio da arte, seu processo de autoconhecimento racial e sua conexão com a ancestralidade?

Depois que comecei a entender como é ser e me tornar negra, a minha visão sobre o mundo foi ficando mais nítida. Procurei alinhar toda a linguagem visual para conectar aprofundamentos estéticos e expressar a forma que vejo o que é ser preta. Esta foi a base para questionar porque ainda há poucos destaques de nomes de pessoas negras no DF que atuam em diversas áreas no meio artístico. A cidade dá pouca importância ao que saia da bolha padrão. Já ouvi muitos darem desculpas como "não acho negros bons para um trabalho x" e a equipe não é diversificada, por exemplo. Há pouca oportunidade para negros no DF, ainda que muita coisa tenha mudado, a realidade é outra.

Há pretos e pretas produzindo coisas boas por aí, mas a bolha padrão é tão grande que não dá tanto valor para quem está na luta para ser reconhecido. Ao começar a procurar as artistas negras, é muito significativo ver o que estão produzindo, referências que podem ser inspiradoras para outras pretas do DF. O que produzem tem sentimentos, resistência e presença das raízes ancestrais.

Pretendo aprofundar o documentário para mostrar artistas que deixam seus sentimentos nos trabalhos e a forma que são reconhecidas. A cena cultural ainda está muito escassa de oportunidades principalmente para negros. E, com muita luta, há nomes ganhando destaques em festivais locais, o que é só o começo. De certa forma, utilizei meus conhecimentos cinematográficos para dar visibilidade a artistas que possam abordar questões sobre o processo de se reconhecer preta e a conexão entre a arte e a ancestralidade durante a entrevista.

Assim, trazer referências onde há retomada do passado de tudo que for afro cultural para reconhecer o que realmente parece com a nossa imagem. Precisamos de vozes em diversas áreas para que haja deslocamento nos espaços sociais e que seja inspiração para gerações futuras. Na minha infância não tinha tantas pessoas negras para me inspirar, pessoas reais, então demorei um tempo para entender e me conectar com a ancestralidade. A amar mais cada detalhe do meu corpo, em que habita de presença e resistência. Sempre gostei de tudo que envolvesse arte, e sendo uma graduanda em audiovisual, vi que tudo que já passei valeu a pena para chegar na mulher que me tornei hoje. A mulher que quer transmitir sentimentos visuais do que realmente somos, além da dor e sofrimento que os antepassados já passaram.

E tenho em mãos o poder de levar um pouco do meu pessoal para o mundo através do documentário. Que seja inspiração para várias mulheres que por muito tempo a autoestima foi apagada por meio de piadas desnecessárias em relação a cor, cabelo e traços. Parar um pouco para se olhar e reconhecer o próprio corpo e que seja o incentivo para pessoas brancas refletirem que somos plurais.

3. Justificativa

Demorei anos para entender sobre a minha aparência física. Não entendia porque passei minha infância e adolescência solitária ou piadas ridicularizando quem realmente sou. Não tinha referências dos cabelos afro, turbantes, danças e músicas. Resumindo, para aceitar a minha própria identidade levou anos. Hoje entendo a importância da minha raiz e como meus ancestrais lutaram até mesmo para se expressar através da própria cultura.

Ainda tenho muito o que aprender sobre a herança dos meus antepassados. E, para ampliar meu conhecimento, pretendo aprofundar uma concepção sensível e poética de pessoas que já são minhas inspirações. Nisso, dando a abertura de trocas sobre experiências para elas contarem as dificuldades no convívio social e o processo de se aceitar. De entender como o próprio corpo é de pura resistência e memória ancestral tendo símbolos registrados do que é afrocentrado.

Os ancestrais chegaram até aqui com a cultura que por muito tempo era considerada como algo inferior, “uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para com nossas vozes”(KILOMBA, 2008, p. 27). Estamos no processo de recuperar o passado e de ter mais orgulho da nossa força e resistência. Principalmente mulheres, que tem cobrança sobre beleza, de ter voz e para entender o que causa a solidão e a não se olhar com afeto. Quanto mais falarmos da nossa importância na sociedade, ainda é pouco para ganhar respeito. Estamos aqui para que não sejamos apenas um meio para expressar dores e racismo, como uma das entrevistadas diz, falar para além da dor, mas, ainda assim, poder falar de coisas prazerosas da vida. Que sejamos lembradas pelo que a gente faz com algo que amamos e o que nos faz bem.

Um projeto a ser realizado em que possa dar visibilidade para essas mulheres que trazem o pertencimento da negritude nos trabalhos artísticos e que me dê a oportunidade de ser representada também. Algo que possibilita várias experimentações de entrelaçar vários modos de fazer documentário através das entrevistas, releituras de pinturas, momento de mostrar visualmente o que cada artista faz, etc. Sou completamente apaixonada pelo mundo cinematográfico, principalmente pela fotografia, que já tenho familiaridade.

A UnB foi um marco importante nesse processo de entender a cultura afro-brasileira e como me vejo hoje. Passei anos conhecendo histórias incríveis de pessoas negras e como ainda sentem falta de representatividade. Falta ver mais pretos e pretas chegarem ao topo em meio a uma sociedade que demora um tempo para nos notar. Esse projeto não é só para

conclusão de curso, e sim para fortalecer a visibilidade das artistas, que sejam ouvidas por diversos públicos para documentar o que tem de belo nos trabalhos, ancestralidade e afetos.

Cinema é um ato para demonstrar reflexões sobre o que acontece ao redor. “Para realmente alterar o status- quo da cinematografia nacional é preciso haver mais negros atrás das cameras” (RODRIGUES, 2001, p. 134), onde o olhar negro tem uma perspectiva pessoal e múltipla quando se trata de envolver assunto da negritude no cinema. É a afinidade mais direta onde capta além de estereótipos moldados para o negro, direcionando o que o público negro realmente quer ver para atingir emoções. O poder de estar atrás das câmeras deixa um toque da própria história que possibilita a forma de se expressar o seu modo de ver o mundo. Dessa forma, sou uma mulher negra que pretende utilizar elementos visuais para que seja notada a minha forma de pensar e demonstrar pertencimento que fui descobrindo ao longo do tempo. O meu olhar onde percebe a questão de poucas oportunidades e valorização dos trabalhos de mulheres negras, tendo a concepção de levar a importância de artistas no processo de reconectar a ancestralidade através dos trabalhos artísticos.

Ciente de se questionar, por exemplo, a diferença de algoritmos entre artistas negras e brancas, as quais recebem um alcance maior. Algoritmos que tem a função numérica de alcance sobre determinado perfil nas redes sociais, quanto maior alcance, maior viralização. De acordo com um artigo do Portal Geledés¹, nota-se que a invisibilidade ainda é constante em conteúdos produzidos por mulheres negras.

Quando incluímos nessa discussão um recorte ainda mais específico como mulheres negras nesse mesmo setor, conseguimos perceber uma diferença ainda maior. Essa discrepância, por sua vez, é notoriamente responsável pelo problema que me trouxe a produzir este artigo: o boicote digital que influenciadores pretos enfrentam nas redes sociais. O fato é que o algoritmo, elaborado por pessoas majoritariamente brancas, de alguma forma exclui racialmente aqueles que não se enquadram nos perfis determinados pelos seus comandos. (RODRIGUES, 2022)

O que torna desconfortável a questão de comparar conteúdos padrões onde acaba se desviando dos trabalhos significativos. Conteúdos artísticos que sejam feitos por nós, criando um vínculo de erguer o olhar sobre o significado do próprio corpo. Assim, como bell hooks (1997), “eu não só vou olhar. Quero que meu olhar mude a realidade”, tenho a consciência de

¹ RODRIGUES, G. D. S. O algoritmo e a internet: a invisibilidade do corpo negro nas redes sociais. **Portal Geledés**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-1, abr./2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-algoritmo-e-a-internet-a-invisibilidade-do-corpo-negro-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 24 jan. 2023

ser mais uma mulher negra fazendo conteúdos relevantes para fortalecer o reconhecimento entre a negritude. De não só olhar o que tem de padrão e sim ser mais um olhar representativo.

Durante uma conversa com uma graduanda em pedagogia, ela me informou que os debates sobre a diversidade racial nas escolas ainda são muito escassos, que não existe um estudo aprofundado, e que muitas vezes não são apresentadas referências negras que possam ser inspiradoras no reforço da autoestima e do reconhecimento. Apesar de muita coisa ter mudado, ainda há muito espaço para melhorias, pois ainda existe um grande número de negros que não se sentem confortáveis com a sua autoimagem, e que desde a infância têm pouco ou nenhum conhecimento sobre os seus próprios antepassados. Levamos anos para alcançar um mínimo de equilíbrio emocional, confiança e amor-próprio e para conseguirmos encontrar a nossa afro-identidade.

Através da pesquisa feita por um projeto chamado Negrestudo², a escassez de representatividade fica evidente no mercado das artes. O resultado é mostrado no gráfico das galerias de arte em São Paulo em que 92,56% representa pessoas brancas, 4,36% pessoas negras e o restante das porcentagens menos de 3% entre asiáticos, pardos e indígenas. O que mostra o quanto é ignorada a potência de representatividades plurais na sociedade. Segundo o autor da pesquisa, Ariê (2020) "ainda tem várias produções que são invalidadas e menosprezadas por conta de uma visão que valoriza uma estética eurocêntrica e norte-americana".

A pesquisa reflete o quanto precisa ser melhorada a questão da representatividade nesses espaços culturais. A relevância de tanto mais a gente se expor por contra própria, é pouco para verem a evolução da negritude se expressando de diversos contextos. Assim, olhar para si e reconhecer o quanto o seu corpo e a forma de pensar é político para uma sociedade que ainda precisa rever essa estrutura eurocentrada. A contribuição de mulheres negras fortalecendo outras através de posicionamento artístico de que tem vozes potentes e resistentes no mercado das artes.

² **NEGRESTUDO. MAPEAMENTO DE ARTISTAS REPRESENTADES PELAS GALERIAS DE ARTE DE SÃO PAULO.** Disponível em: <https://projetoafro.com/editorial/artigo/negrestudo-mapeamento-artistas-representades-pelas-galerias-de-arte-de-sao-paulo/>. Acesso em: 24 nov. 2022

4. Objetivos

O principal objetivo do projeto é apresentar, nem que seja de forma sucinta, artistas negras do DF para outras pessoas se inspirarem e, até mesmo, pessoas brancas entenderem que não somos estes estereótipos inferiores na sociedade de que não temos a capacidade de sermos grandes realizadores criativos em termos plurais da cultura afro. Nos dias de hoje, mulheres estão em uma luta constante de autoconhecimento, auto afeto, de se fortalecer e entender a própria estética. Desenvolver um documentário que foca questões sobre os trabalhos das artistas, a conexão com a ancestralidade e reconhecimento da identidade negra.

Entrevistas com quatro mulheres que contarão histórias pessoais sobre a sensibilidade e a importância dos seus trabalhos. Serão aproximadamente 20 minutos de mulheres pretas contando o que as fazem bem artisticamente, em alguns momentos das entrevistas que tem cenas performáticas e poéticas.

Não quero que o produto seja simplesmente um trabalho de conclusão de curso, mas que seja exibido em festivais, escolas, mostras além do DF, para auxiliar o combate ao racismo e visibilidade para as artistas que estão produzindo o que tem de ancestral nos trabalhos. Dar visibilidade à diretora negra que se expressa tendo como base visual o cinema.

5. Referencial teórico

5.1. Documentar minha existência

“O filme revela sobre o mundo em que vivemos”

Bill Nichols (2016, p.111)

Antes de chegar na ideia de fazer documentário, precisava me encontrar por dentro, e assim, libertar minhas inquietações através de imagens. Sendo assim, me fez realinhar o que é fazer documentário, com base nos conceitos de autores sobre a questão do cinema ter tido o seu início marcado pela observação do outro ou o que acontecia durante o cotidiano das pessoas. Uma mistura do real e não real. Diante dessa concepção de revelar o mundo, me interessa utilizar essa forma audiovisual para transmitir a minha forma de expressar para o mundo. Em documentar um contexto onde retiro de dentro a essência sobre a minha raiz de reconhecimento.

Possivelmente, hoje em dia há mulheres que estão no processo de preencher esse buraco. Minha intenção de me expressar em documentário é levar para o público os sentimentos de presença de mulheres negras. O que dialoga com o conceito de Nichols, para quem o realismo emocional implica que “a emoção em si é familiar e sentida de maneira genuína” (2016, p.146). Provoca emoções existentes no público e traz debates sensíveis de reconhecimento, autoamor e a ancestralidade expressiva na arte, o que deste modo faz com que transcreva todo o meu particular na linguagem documental.

Montaigne, citado por Jorge Furtado, diz: “Os outros formam o homem, eu relato a seu respeito e represento um em particular, bastante mal formado: eu mesmo” (2005, p. 104). O meu particular que quero levar um pouco para essa arte que é fazer cinema. É um particular confuso que nem eu entendo o que passa na minha cabeça e se faz sentido. Porém, faz sentido transpassar pelo processo que outras mulheres pretas também passaram, uma situação de reencontro, de se sentirem bem com o corpo. De expressar o meu emocional do que sinto quando penso em um determinado assunto. E é transformador o que o audiovisual é capaz de fazer ao levar mensagens que possam ser enriquecedoras. Mensagens que de certa forma tocam por dentro para o público e que refletem o que diretores(as) querem falar através da linguagem cinematográfica.

Ao ter essa troca com cada entrevistada durante os depoimentos, foi grandioso escutar palavras que iam diretamente para o meu particular. Conhecer todo o processo de se olhar, perceber como é agregador se sentir presente com o próprio corpo, faz com que torne mais

significativo a conexão das artistas com o meu pessoal. A experiência de escutar as vivências das mulheres negras e o que fazem para a retomada ancestral. Percebi que a construção do documentário fazia sentido, a percepção da mensagem que quero levar para o público: a sensibilidade de se olhar e expressar o que tem de ancestral em relação a fazer arte.

Cada pessoa tem uma percepção diferente sobre o que acontece ao seu redor. Colocar essa percepção em um contexto cinematográfico leva para o público uma determinada mensagem de algo que é pessoal, o que possibilita experiências da “capacidade de captar o movimento do mundo” (COUTINHO, 2005, p. 118). O cinema transborda questões do que pode ser desconhecido sobre a vivência do outro ou questões que se identificam. Dessa forma, designa uma série de sensações ao olhar para o outro.

Fazer documentário transpassa modos visuais que complementam a forma de documentar que resolvi experimentar, usando um pouco de cada linguagem visual para transmitir esse meu particular de ver o mundo. Coutinho entra em um debate que fez todo sentido em relação à minha primeira experiência fazendo entrevistas:

Nunca volto aos locais onde filmo. Para mim é como voltar ao local do crime, no bom sentido. Se eu voltar a esses locais, vou encontrar somente a rotina e a rotina é insuportável. Não filmo o dia-a-dia, parece que é, mas não é. Estou filmando momentos intensos de encontros que produzem até um efeito ficcional, e que são ficcionais no sentido de que o dia-a-dia é uma outra coisa. (COUTINHO, 2005, p. 121)

Documentar tem uma particularidade extraordinária de captar aquele único dia em que se combinou com as entrevistadas de registrar as entrevistas. O que faz sentido nesse trecho é que não seria útil filmar novamente uma entrevista que naquele primeiro momento captura histórias contadas de coração e que algumas entrevistadas estavam pela primeira vez diante de uma câmera. Sendo assim, um dos modos de documentário propostos por Nichols que optei foi o participativo, que “vaga por uma variedade grande de temas, dos mais pessoais aos mais históricos”(2016, p. 193). O que possibilitou costurar os relatos até formar uma única história durante a seleção de falas que me chamaram mais atenção e o que poderiam complementar as outras falas.

Falas enriquecedoras que refletem o que querem representar para o mundo. “O documentário reflexivo estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e com aquilo que ele representa” (NICHOLS, 2016, p. 204), no caso deste documentário, representar a forma como as artistas utilizam a arte para expressar a importância dos seus corpos na sociedade. Comunicar para o mundo os

saberes ancestrais, saberes que tem uma grande importância na construção da identidade em meio a tanto apagamento. Desejo que mais produções artísticas fortaleçam a negritude.

Assim, trazendo para o documentário o que as artistas carregam de expressões poéticas, entra a questão da encenação de produzirem os seus trabalhos em locais selecionados tanto para entrevista, quanto para a performance. Um modo que distingue "a nós de maneira emocional e significativa em vez de apontar para nós o mundo objetivo que temos em comum"(NICHOLS, 2016, p. 171), onde obtive a capacidade do uso de diversos estilos para demonstrar entre os depoimentos e os trabalhos artísticos. O modo poético possibilita alinhar imagens para intensificar sentimentos ao fazer arte na música, dança, poema e pintura. "Uma forma de representar a realidade em séries de fragmentos" (NICHOLS, 2016, p. 172), dando o complemento para o documentário além das palavras ditas pelas entrevistadas. Poderão trazer as expressões corporais construindo um refúgio a partir do que gostam de fazer artisticamente.

Ao decorrer desse memorial, argumento que se trata de um documentário em que quero falar um pouco sobre mim, deixarei a timidez de lado para "o modo de aproximação do eu com o mundo filmado, sendo o primeiro deles o fato desse mundo ser instituído na experiência do próprio eu"(VEIGA, 2015, p.710). Me expressar através de um pequeno texto em que só a voz surgirá acompanhando cada movimento das mãos e auto abraço, que representa a leveza de libertação ancestral e confiança com o meu corpo.

"Um olhar firme de mulher negra tão raramente visto no cinema. Penetrante em sua imagem do rosto em close que domina a quem assiste" (FREITAS, 2017, p. 34), onde olhares de mulheres negras estejam mais presentes atrás e frente às câmeras. O olhar potente que expressa todos os sentimentos por dentro que ressalta a forma que se vê. Sendo assim, ao me expressar em frente à câmera, olho por alguns segundos dando início à abertura do meu particular, que são processos de autoconhecimento que se conectam diretamente através das histórias e trabalhos artísticos das artistas. Ênfase ao olhar de uma mulher que busca sonhos, e me colocando diante de uma câmera para posicionar a relevância da imagem da mulher preta para que seja mais vista e respeitada.

Analisando algumas pesquisas, nota-se a escassez de produções de representatividade principalmente de mulheres negras. O cinema é um meio de comunicação que se torna uma educação sentimental ao gerar interações com a mente que "expressa sempre uma realidade possível ao homem, mesmo que construído como ficção e expressando o ponto de vista de um diretor"(COUTINHO, 2009 p. 7). Traz mensagens e emoções através de imagens, o que torna

significativo para crianças e adultos poderem ver esses conteúdos e se identificarem com os personagens, por exemplo. O quanto é importante um encontro das raízes desde a infância, em uma sociedade que invisibiliza o que tem de ancestral. Ao olhar produções como *Pantera Negra*, *Mulher Rei*, *Um dia com Jerusa*, *Marte*, entre outros, que trazem a estética afrofuturista desse encontro de possibilidades de ser o que quiser e afirmando a existência do corpo negro. Assistirmos a representação do nosso corpo ajuda a não desistir dos sonhos.

Porém, em relação às pesquisas de 2016, a Ancine analisa a predominância de 75,4% de filmes dirigidos por homens brancos, 19,7% por mulheres brancas e 2,1% por homens negros³. E não tem nenhuma porcentagem de mulheres negras que dirijam ou escrevem produções de longas lançados comercialmente. É intrigante a falta de representatividade em funções importantes no cinema. O que demonstra a falta de espaço em um cinema dominado por homens brancos que nem sequer aumenta produções relevantes em uma população onde 28% é formada por mulheres negras, segundo a pesquisa do IBGE em 2022⁴.

A representatividade de mulheres negras atrás das câmeras torna algo “como possibilidade de se pensar e construir um cinema de territorialidade e comunalidade como patrimônio negro feminino”(PENHA, 2017, p. 13). Territorialidade de mais negras ocuparem esses espaços sem que suas ideias sejam ocultadas pela branquitude para construir um espaço abrangente que leve mais produções de olhares sensíveis, com temas relevantes que abordem a ancestralidade. Por mais representações em que o público saiba que todo desenvolvimento foi feito por uma direção de mulheres pretas de forma que uma fortaleça a outra, pois é muito duro a questão de chegar ao topo e olhar que só tem você ao redor. Daí vem a solidão e cansaço de ter que batalhar duas vezes mais para não ser silenciada. No início da minha graduação já passei por situações de me sentir insuficiente. Um processo que hoje vejo como foi algo horrível para minha saúde física e mental. Só depois de alguns anos conheci trajetórias de mulheres potentes e percebi a importância de ter contato com experiências coletivas para fortalecer a minha individualidade.

E comecei a reconhecer uma fonte de poder dentro de mim ao dar-me conta de que não devia ter medo, que a força estava em aprender a ver o medo a partir de outra perspectiva.
Audre Lorde (1978, p. 22)

³ MULHER NO CINEMA. **Cinema nacional exclui mulheres negras, aponta estudo.** Disponível em: <https://mulhernocinema.com/numeros/estudo-da-ancine-mostra-exclusao-de-negros-sobretudo-mulheres-no-cinema-nacional/>. Acesso em: 25 dez. 2022

⁴ ND+. **Mulheres negras são 28% da população brasileira, mas ocupam apenas 3% dos cargos de liderança.** Disponível em: <https://ndmais.com.br/cidadania/mulheres-negras-sao-28-da-populacao-brasileira-mas-ocupam-3-dos-cargos-de-lideranca/>. Acesso em: 26 dez. 2022

5.2- Processo de ressignificação

Depois de anos que fui preenchendo aos poucos o vazio que sentia ao saber o significado de cada detalhe do meu corpo, percebi a dificuldade de visibilidade de mulheres pretas para chegar em um determinado espaço alto permeado por uma perspectiva eurocêntrica. O tanto que batalham para chegar em cada degrau cansa, pois exige duas vezes mais da capacidade. O objetivo do documentário é recolher depoimentos em que as entrevistadas contam o momento de respiro quando fazem arte. Na minha infância, não tive essa oportunidade de conhecer a negritude dentro da minha própria família, mesmo com uma maioria de pessoas negras. Alguns discursos eram, de certa forma, um tabu e só depois de muito tempo que fui me auto educando sobre o processo de ser preta.

— ... é uma dificuldade discutir, nesse meio, (pequena burguesia branca, intelectual) a questão racial. Há o pacto de que ‘quase somos iguais’ e assim é inoportuno, inadequado, perigoso, discutir a questão. E há dois tipos de resposta desse meio a questão racial: uma paternalista-mistificadora: ‘ah, vamos discutir, sim. Meu bisavô era negro, eu até me sinto negro...’ e outra de negação: ‘ Não. Não vamos discutir isto.’ (SOUZA, 2021, p. 66)

Na minha família não se discutia o porquê dos meus traços, cabelo e cor serem algo que me atingia desde a infância. Ao conviver com meio social fora de casa, tinha vergonha do meu corpo. Vergonha do que faz parte de mim e dos rastros dos antepassados em meu corpo. Até hoje lembro, e era um gatilho, de tias falando para minha mãe alisar meu cabelo, pois ela não teria tempo e por ser “difícil de cuidar”. Aos 9 anos, fui me distanciando do que tinha de ancestral sem ao menos saber o porquê de meu cabelo não ser aceito. Ouvia piadas insensíveis na escola, fora outras questões que aconteceram até entender as dificuldade de me encontrar por dentro.

Passei por um período de redescobertas internas e externas até chegar à motivação de fazer esse documentário. Compreendi que esse vazio de pertencimento teve início através de algumas falas da minha família, que nunca discutiu questões raciais. Foi uma negação constante para chegar no que era mais aceito na sociedade. Porém, não culpo ninguém por querer se distanciar da própria estética, a sociedade já é cruel demais ao determinar o que é belo e faz com que pessoas negras tenham vivido um memoricídio do próprio corpo e costumes. Fui me educando sobre o quanto era doloroso, até me tornar a mulher negra que hoje vê o que tem de potência para fortalecer por dentro o que é ancestral. “O medo e a falta de aceitação podem nos paralisar ou simplesmente fazer com que entremos no doloroso

exercício de constante adequação a padrões e convenções para, no fim, ainda não nos sentirmos parte da rodinha” (BRASIL, 2022, p.17). Muitas vezes sentia esse medo de aceitar o meu corpo por ter traumas do passado. Um medo que apagava minha luz de algo que sou, de pertencer a uma estética de pura resistência.

A sociedade vai se transformando ao decorrer do tempo de modo que os indivíduos modifiquem a forma de pensar culturalmente nos grupos sociais que convivem. A forma que o que corpo negro transpassa nos espaços, é político ao representar o que foi tirado dos antepassados com as tentativas de apagamento. Assim, foi ampliando a minha mente através de leituras de teóricos da antropologia sobre o que era considerado cultura inferior e superior, quando teve início a uma sociedade marcada pelo que é aceito e pelo que poderia ser excluído. Pessoas negras passam por uma questão de sobrevivência cultural do seu passado para reexistir no presente.

Consciência racial e antipatia racial diferem num aspecto dos grupos sociais aqui enumerados. Enquanto em todas as outras sociedades humanas não há uma característica externa que ajude a definir o pertencimento de um indivíduo a seu grupo, aqui, o que indica é sua própria aparência.(BOAS, 2004, p. 83)

Relembrando um desses teóricos, Franz Boas analisa o particular de cada grupo social que assim tem os próprios costumes. A sociedade brasileira foi desenvolvida a partir de diversos tipos de comportamentos sociais, mas inferioriza o que seria “diferente”, centrado no pensamento egocêntrico do homem branco. Cada indivíduo é único para um convívio social, tendo pensamentos e expressões diferentes. Não há grupo social superior ou inferior. Nesse momento, ainda estava no processo de aprendizado e entendendo a causa do distanciamento da ancestralidade através das tentativas de embranquecimento dentro da minha família.

Um marco importante no processo de ressignificação foi a questão de observar mulheres negras ao meu redor. O pertencimento delas na forma que se vestem, andam, os cabelos, traços, cores e poder de opinião. Era um momento de grande aceitação dos cabelos crespos. Até que um dia falei para minha mãe que não queria mais alisar e que queria começar a usar tranças. Com isso, ela resolveu colocar tranças também, o que foi muito significativo, mostrando esse apoio dela do uso de algo ancestral. Foi um ponto inicial de me encontrar e aumentar a autoestima e onde passei toda a minha transição capilar. Porém, me ver com o meu crespo foi um outro momento da minha vida bem dolorosa.

Por mais que hoje haja inúmeras mulheres colocando seu cabelo crespo para jogo, a questão de aceitação de como se sentem bem livres da dependência do cabelo liso, ainda

existe a predominância do crespo mais “aceito”. O cabelo cacheado até mais ou menos 4A é mais comercial do que 4C (no meu caso). “O cabelo para mulher negra brasileira é a recuperação da autoestima e da nossa ancestralidade. Mas não podemos cair na armadilha do padrão de beleza com que, por décadas, travamos uma longa batalha, só que agora com uma roupagem decolonial” (BRASIL, 2022, p. 28). Com o tempo, fui deixando a barreira de lado em depender sempre das tranças até passar por um outro processo de me sentir bem com o meu cabelo crespo.

E fora outros momentos de até mesmo respeitar o meu corpo, que por muito tempo machuquei ao ter pensamentos negativos, ao querer alisar o cabelo, ao não aceitar meus traços. “Estamos exaustas e com danos seríssimos por vestir as injustas armaduras da vida” (Brasil, 2022, p. 37), exaustas de sempre alguém falar coisas desnecessárias para se destacar, de ter que ser duas vezes melhor. A potência do meu corpo que hoje vejo é a importância de me encontrar com a ancestralidade de forma que fortaleça o meu interior e exterior, de querer fazer algo que possa mudar a forma de pensar entre outras pessoas. Ainda somos invisibilizadas, então, que possamos abrir caminhos para outros chegarem ao topo com o nosso corpo em uma sociedade marcada por pensamentos homogêneos.

Ao o filme “Uma Invenção de Natal”, do diretor David Talbert, sempre me emociono, mas uma frase me deixou bem reflexiva “como um sorriso cura a dor”. Ela traz uma mensagem de acreditar no seu potencial. Seu corpo já leva um sinal de resistência, não precisa ser forte o tempo todo. A questão é sorrir para si e manter a segurança com a sua estética e sempre com a cabeça erguida. Só nós mesmas para acreditar que somos realizadoras de sonhos em corpos representativos para outras se inspirarem.

Eu sou um corpo, um ser, um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar, ô
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte

Luedji Luna- Um corpo no mundo

A partir de uma reflexão muito grande sobre cuidar do corpo e sobre como ele é carregado de símbolos, percebi que me retirar dessa bolha do que fosse padrão fez com que acordasse quem eu sou. Me fez querer aprofundar o que represento para o mundo. E, ao escutar essa música da Luedji, tenho a concepção de que mesmo entre os perigos sociais que possam nos machucar, é necessário embarcar por dentro para se amar e se encontrar. São

versos em que são escritos representações do corpo ancestral, o que tornou inspiração na escolha do título do documentário. Versões de histórias comuns em diversas tonalidades de cor. Versos que adentram profundamente a forma como queremos ser vista para o mundo, de humanizar o corpo negro que é nosso refúgio para enfrentar questões sociais.

O corpo com o significado de tornar algo político por representar cada detalhe do que seja ancestral onde o tom de pele é uma das maneiras de distinguir a diversidade de cores. Engloba toda a concepção múltipla de que somos singulares. O que aprendi com a maquiadora Julia Jordão, a recuperação da autoestima de cada tom de pele em diversos subtons em pele negra, tendo em torno das nomenclaturas como o Nilo, Blues, Saara, Spike, Jazz, Calipso entre outras.

A fotógrafa Angélica Dass, em seu projeto fotográfico “Humanae”, mostra o que está além do preto e branco binário e revela em seu projeto a humanidade da cor que é diversificada e que somos plurais em diversos corpos representativos na sociedade.



Figura 1- Fotógrafa Angélica Dass, humanae

5.3- Se expressar na arte: conexão com a ancestralidade

“A poesia e a palavra têm sido minhas maiores aliadas desde que eu comecei a querer descrever, querer falar sobre sentir. Que é uma coisa tão honesta e que até isso é tirado da gente”⁵(LINIKER, 2022)

Ver mulheres negras estabelecendo presença em diferentes espaços é algo grandioso. Durante a entrevista com Liniker no programa Roda Viva, dá-se ênfase à importância do nosso corpo, pauta esta que me deixa emocionada devido à forma semelhante de pensar, que me faz ter certeza que este documentário está sendo importante não só para o meu íntimo, como para o de outras pessoas. Acreditar no que eu estava sentindo ao escrever o roteiro, assim como entrar em contato com outras mulheres e poder conhecê-las um pouco mais me deixou orgulhosa e encantada, especialmente com a oportunidade de ver cada uma delas expressando sua arte em momentos de cura e representatividade. No âmbito audiovisual, estou passando por um processo de fortalecimento pessoal ao poder ouvir sobre as experiências de outros artistas o que, de certa forma, me encoraja a levar mensagens do que sinto. É poder ao menos sentir e transmitir através de imagens minhas emoções, algo que eu tinha guardado dentro de mim.

As produções cinematográficas designam um espaço que trate de questões sociais, econômicas, políticas e outros assuntos de reflexão para o público sobre um determinado tema. Todavia, que seja um espaço plural de diretoras negras que querem transmitir questões sobre sua própria história. Janaina Oliveira (2017, p. 21) diz que é um espaço onde “as mulheres negras no cinema hoje estabelecem em suas produções diálogos com o mundo, mas sobretudo, entre si para si mesmas”, portanto, o uso do cinema nos permite construir um diálogo acerca da forma de retratar a imagem do negro sem ser estereotipada, mas de um modo que realce e mostre que podemos sentir, sonhar e existir.

A música é algo que desperta muito as emoções; é um ato de se destacar através da performance de várias maneiras de se expressar, no qual podemos nos dedicar a levantar pautas importantes em seus versos, pois é um meio que traz uma visibilidade mais efetiva para alcançar o topo. A obtenção de um método de comunicação, como o uso de penteados, pinturas corporais e danças, foi um meio de diálogo entre o movimento negro, pois

⁵ RODA VIVA. Liniker. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=A6MWHM0O5Tg&list=LL&index=3&t=1003s>. Acesso em: 19/12/2022

carregavam significados de hierarquia e diferentes costumes entre os grupos africanos. E para resgatar este cenário, a cultura afro tem sido resgatada através de vários gêneros musicais e identidades marcadas em corpos negros.

Somos herança da memória. Temos a cor da noite, filhos
de todo açoite. Fato real de nossa história

Jorge Aragão- Identidade

Reexistir e impor nossa ancestralidade é o que faz com que outras mulheres negras se inspirem e saibam que também podem chegar em certos espaços de cabeça erguida. Conversando com uma das entrevistadas, a artista Ju Germano, ela comentou sobre uma feira onde vários artistas se reúnem para expor seus trabalhos e, em dia de exposição, um homem branco passou por uma de suas obras e sem hesitação disse que não se sentia representado pelas pinturas. Vale lembrar que a imagem do branco tem sido representada há muito tempo, enquanto a imagem da mulher negra sempre foi a de objetificação ou a de ridicularização dos corpos. Ju Germano realiza pinturas com representações sensíveis através dos olhos de outra mulher negra, e seu objetivo é que outras mulheres se sintam representadas ao olhar para suas telas.

Braga (2005, p. 18) explica que “os símbolos culturais transitam, se absorvem ou se expõem mutuamente, massificam padrões ao mesmo tempo em que singularizam”, reflete o viés de transformações sociais e resgate da memória ancestral. A memória da dança vem se intensificando como forma de resistência e, hoje, existem grupos de mulheres que se reúnem para se fortalecer, demonstrando desta forma o encontro com seus antepassados e transmitindo amor com o corpo. A formação desses grupos é de grande importância para o crescimento do contato afro-cultural.

Tanto nas expressões negras rituais, quanto nas práticas artísticas mais políticas há traços de resistência pela existência. A performance negra é uma estratégia de luta de oposição a estruturas desumanizantes para os sujeitos negros — estratégia que não necessariamente se dá por vias lógicas ou argumentativas, nas quais a palavra se sobressai ao corpo, ao movimento, ao alimento e à relação com a natureza, ou por seguir algum tipo de cartilha ou projeto norteador de arte política. (PEREIRA, 2021, p. 60)

O conceito estratégico de valorização das origens baseado em diversas performances culturais reforça a construção da identidade em meio a tanto apagamento que influencia a auto-estima, o reconhecimento e a resistência. Podemos ver que a cultura afro é carregada de conhecimentos avançados de cura interna e externa para se conectar com o passado; algo cíclico entre passado, presente e futuro para a busca do conhecimento de si mesma, e tomar consciência do fato de que temos almas e sentimentos que de alguma forma se manifestam através da arte, torna-se um exemplo disso.

A arte não é apenas uma forma de protesto, mas também a busca de amar a si mesmo com base nos conhecimentos culturais. Tenho para minha concepção que a arte é algo armazenado em nosso ser em se expressar para o mundo. Durante muito tempo estivemos atrás da busca pelo corpo padronizado, e agora estamos vivenciando o encontro com o próprio corpo. Me encontrar foi algo doloroso, e sei que transmitir sobre o que é se amar, assim como fazem as entrevistadas em seus trabalhos, é algo que pode impactar as emoções de outras pessoas. Quando as mesmas falam em fazer arte, trazem um pouco do pessoal, do poder e do conhecimento ancestral.

Para hooks (2006, p. 01), “sem uma ética do amor moldando a direção de nossa visão política e nossas aspirações radicais, muitas vezes somos seduzidas/os, de uma maneira ou de outra, para dentro de sistemas de dominação – imperialismo, sexismo, racismo, classismo”, o autoamor é o que se desvincula de tudo o que se aprende na sociedade. Reconhecer o quanto a minha autoimagem potencializa a liberdade de tudo que a sociedade impõe, me dá a oportunidade de abrir caminhos de pertencimento. E por meio do contato com outras mulheres negras, não me só fortalece, como também traz algo significativo para o encontro ancestral de nós mesmas.

Pertencer é a maneira de poder se conectar com a ancestralidade que abre caminhos para poder se expressar. É importante se encontrar e colocar em prática a potencialidade do corpo, mesmo que seja um desafio olhar ao redor, e muitas vezes sentir-se só ou não representado. Sendo assim, levar para esses ambientes representações da negritude que se desvinculam só de questões eurocêntricas, tornando afrocentrados os espaços de convívio. Ao criar um novo conceito de mundo de trocas sobre cuidado do corpo negro, da mente e da alma; de fazer um compromisso seguro com a auto-imagem. O que é necessário é o cuidado para ter o pertencimento de sentir a sua existência no mundo.

Que nossa imagem nos conecte com o nosso passado, porém que enxerguemos com a coragem não só o futuro, como também o presente. Que nossa maior conquista para

o nosso Pertencimento Ativo seja a liberdade de sermos quem quisermos nos lugares que inventamos. Representatividade importa. Pertencimento humaniza. (BRASIL, 2022, 20)

A representatividade faz com que cresça a afirmação da nossa identidade. É libertador ser quem realmente é, descobrir o significado do amor por dentro é olhar para além do que a sociedade impõe, que esta é a única maneira de acolher os outros, ou de ser bem recebida. A sensação de ver pessoas que se parecem com você traz à vida algo que se limitava apenas ao imaginário de pertencer. A partir do momento em que o corpo se torna visível, ele deixa o espaço do imaginário, e se torna real. O que muitas vezes é tirado da gente, o imaginário de pertencer em espaços onde majoritariamente há pessoas brancas que trançam o apagamento velado da nossa imagem, o que afeta a solidão e autoestima.

6- Metodologia

Após a decisão sobre a natureza do meu trabalho de conclusão de curso, deparei-me com alguns processos de produção desafiantes: realizar um documentário que não trate apenas sobre quem sou, como também sobre outras pessoas. À medida que fui conduzindo pesquisas sobre o tema, passei a observar alguns perfis de artistas que fizessem parte deste conceito que eu ainda não tinha certeza se iria funcionar. Inicialmente, eu já tinha em mente quais as mulheres a que recorreria, por isso, já conseguia visualizar como seriam as cenas poéticas e performáticas para o argumento.

Assim, procurei transmitir neste documentário mensagens de autoamor com o corpo, potência e arte; trazer reflexões das artistas acerca dos caminhos seguidos até chegar à imagem que se tornaram hoje, como referências para outras mulheres negras. A ideia surgiu de um momento íntimo e de vulnerabilidade, de autoconhecimento, e, ter a oportunidade de escutar histórias comuns, me levou a tecê-las em depoimentos. Além de também poder expressar artisticamente o trabalho das personagens, exibindo símbolos de seus ancestrais como o contato com a água, os instrumentos musicais, pinturas de mulheres negras e entre outros.

Antes de iniciar este trabalho, já dispunha de alguns mapas mentais que me levariam ao assunto a abordar, bem como, ainda no pré-projeto de conclusão de curso, eu já havia anotado algumas ideias. Diante disso, em uma reunião com a minha orientadora, fui encorajada a levar por diante um tema que me afetava de forma emocional, que é o autoconhecimento.

A partir desta base inicial, deu-se início ao processo de seleção de colaboradores para a formação de equipes, custos, reservas de equipamentos, entre outras demandas que foram surgindo durante os dias que antecederam as gravações. Perante dificuldades, tais como a desistência de algumas pessoas, incluindo artistas que seriam entrevistadas, baixo orçamento, considerei a possibilidade de desistir, mas não o fiz, pois acreditava neste trabalho e na forma como ele começava a ganhar vida. Eu mesma não imaginava que teria um bom resultado devido a tantos contratemplos. Além de ter que ficar sempre atenta ao clima durante as gravações e de acontecimentos como o aparecimento de macaquinhos atrapalhando as gravações.

No decorrer deste trabalho, houveram algumas alterações no roteiro, principalmente em relação a artistas que já tinham cenas definidas. Com o intuito de conseguir recursos para dar continuidade ao TCC, fiz o uso de rifa nas redes sociais. Mesmo com os contratemplos, o

documentário passou por etapas como a pré-produção, produção e pós-produção. Sutilmente, esse projeto deixa a mensagem sobre a nossa importância e a perspectiva do processo de se tornar uma mulher negra. O trabalho também deu-se com a elaboração de perguntas que levassem respostas relevantes para serem escutadas. Ademais, as cenas tiveram referências cinematográficas que darei mais detalhes na pré-produção.

6.1- Pré- produção

O que seria das imagens poéticas sem as artistas? Não só por serem artistas e contarem sobre os trabalhos, mas sobre a importância de ter símbolos dos antepassados e que de fato torna algo significativo para o processo de autoconhecimento. Que pudessem acrescentar os símbolos com base nos movimentos corporais nas cenas performáticas. Com isso, busquei referências que trouxessem senso às experiências de como é ser uma mulher negra, de modo que foi necessário aprofundar meu conhecimento na produção deste documentário.

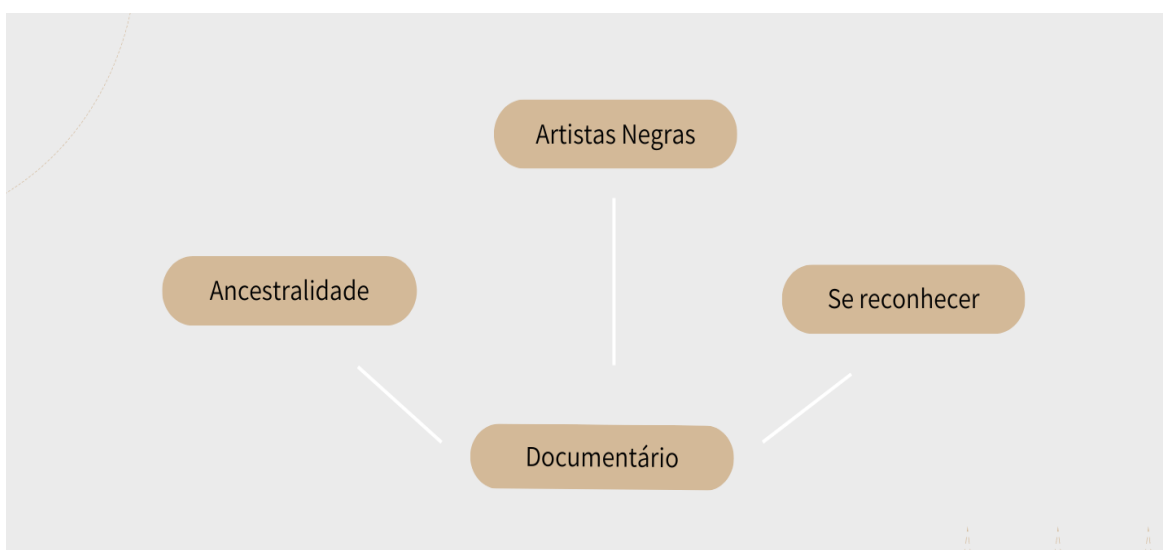


Figura 2- Mapa Mental

Fonte: elaboração da autora

A criação do mapa mental me permitiu chegar ao argumento, em que sintetizava brevemente o *storyline*, a proposta, as personagens, os locais para a gravação e as cenas. O mapa também serviu como grande facilitador na construção do roteiro, o qual abriu caminho às ideias iniciais das cenas. Desde o argumento até a última versão do roteiro, ocorreram várias alterações, inclusive das personagens, de modo que com o do roteiro, pude seguir um plano B sem alterar drasticamente as ideias originalmente planejadas.

A escolha por um certo perfil de artistas me fez determinar como seriam as performances das cenas. Durante o processo de seleção, organizei reuniões de modo a esclarecer sobre o projeto e o que pretendia que fizessem de forma performática através do vínculo com os trabalhos artísticos. Com algumas desistências, contatei diversas outras artistas que poderiam estar envolvidas e, ao fazer isso, sempre mudava algo no roteiro. Por volta de três dias antes das gravações, foi preciso fazer alterações em relação às personagens no roteiro.

Na primeira versão do roteiro, antes de escrevê-lo, tinha em mente quais personagens chamar para fazerem parte do projeto, algumas já conhecia a um tempo. Entrei em contato com elas na metade do ano passado, porém, com o passar de alguns meses, foram surgindo contratempos pessoais entre algumas artistas. Com isso, fui à procura de outras artistas com ajuda de amigos que têm mais contatos nessa área mais cultural e ao mesmo tempo entrando em contato de alguns perfis de *Instagram*. A última diária, por exemplo, incluí a Karla que me informou que gosta de escrever poemas e que poderia participar em frente das câmeras e Haynna e Ju Germano que as conheci uns dois dias antes da diária.

Quanto ao cronograma, foi organizado através da disponibilidade das personagens entre os meses de outubro e novembro. Assim, obtive tempo para organizar com a equipe os itens necessários para realizar cada cena através de cada função.

6.1.1 Perfil das personagens

Idealizadoras do coletivo Sambadeiras de Roda, Regina Salgado e Camila Ferreira promovem um espaço de acolhimento e fortalecimento, levando saberes a outras mulheres, em sua maioria negra e periféricas, que se interessam pelo samba de roda:

Regina Salgado: Natural de uma cidade do Maranhão, tem 55 anos e atualmente reside em Taguatinga. Por meio da capoeira, teve a oportunidade de conhecer o samba de roda rural que lhe despertou a curiosidade sobre a religião umbanda de Matriz Africana. Além do samba de roda, participa de danças como o jongo, maracatu e samba de coco. Há 12 anos trabalha como massoterapeuta e reikiana.

Camila Ferreira- Nascida e criada em Planaltina-DF, tem 32 anos, gestora ambiental e futura geógrafa e apaixonada por samba de roda. O primeiro contato com samba de roda foi uma das vertentes de samba de roda chamada de Caboclo em 2002, em um terreiro “Cabana dos Orixás” em Planaltina-DF. Em 2011, conheceu a capoeira Angola, que deu caminhos de

outros contatos das vertentes do samba de roda. Ultimamente vem estudando mais a fundo sobre o Samba de Roda Rural.



Figura 3 -Sambadeiras de roda

Fonte: elaboração da autora

Haynna: É nordestina, periférica, LGBTQIAPN+, cantora, compositora, intérprete e produtora cultural piauiense. Radicada em Samambaia- DF, é vocalista e linha de frente da banda Haynna e Os Verdes. Em 2018, lançou com o grupo disco indicado no Prêmio Profissionais da Música 2019 nas categorias Melhor Intérprete de Rock e Melhor Intérprete de Blues. Destaque na cena musical do DF por ser uma agente cultural que presta relevante contribuição ao desenvolvimento artístico e cultural, por integrar a projeção de artistas negres e LGBTQIAPN+, a ocupação dos espaços públicos, a descentralização da cultura e arte independente e as suas constantes transformações.



Figura 4- foto Thaís Mallon para clipe

Ju Germano: Nasceu em Recife, tem 43 anos e, em 2009, mudou-se para Brasília. Estudou artes plásticas na Universidade Federal de Pernambuco, desenha desde criança e sempre trabalhou em lugares ligados à arte, como museus, atuando como designer, entre outras funções. Em Brasília, estudou arte e terapia, o que a ajudou a entender a arte por outras vertentes. Tem uma trajetória que sempre se interessou em temas voltados para o feminino, tem inserido no trabalho a busca da espiritualidade e o entendimento maior sobre a cultura ancestral preta.



Figura 5- foto Rabiscão Ilustrado

Karla Luz: É uma artista cristã que procura trazer a fé, a esperança e o amor encontrados em Cristo através da arte. Luz trabalha com diversas linguagens, explorando principalmente o design, a escrita e a música em suas criações. Além disso, é estudante de Publicidade e Propaganda na Universidade de Brasília e uma entusiasta do Audiovisual, motivo pelo qual participa do projeto também como Diretora de Arte.



Figura 6- Foto retirada do *Instagram*

6.1.2 Estética

Depois de conversar com as artistas, fui elaborando o que seria viável em relação à gravação das entrevistas e da performance. Pensei em locais que fossem bonitos e que, no mesmo dia, pudéssemos fazer duas cenas, com base na disponibilidade das personagens. A partir disso, foi pensada a questão da continuidade entre essas cenas em relação à maquiagem e figurino, e assim prossegui a ideia com outras diárias. Como contava com pouco tempo, organizei desta forma para não resultar em uma desistência, principalmente em relação à equipe, que, em sua grande maioria, tinha outros compromissos.

Como pretendia transmitir o lado sensível das personagens, busquei por referências de modo a trazer elementos ancestrais. Assim, na estética, orientei-me através de filmes, séries e, principalmente, de clipes em relação às cenas poéticas. Tive como base em relação às cores dos figurinos, cores fortes e que dessem um ar de poder, como demonstra a personalidade das artistas. As pinturas também tornaram-se referência em relação às cores, até mesmo em algumas cenas, como no caso da cena da poetisa, que tem pétalas próximas aos olhos⁶.

⁶ Releitura referente ao quadro de Rosana Paulino, com adição de elementos da pintora Maria Auxiliadora, relativo a referência de cores.



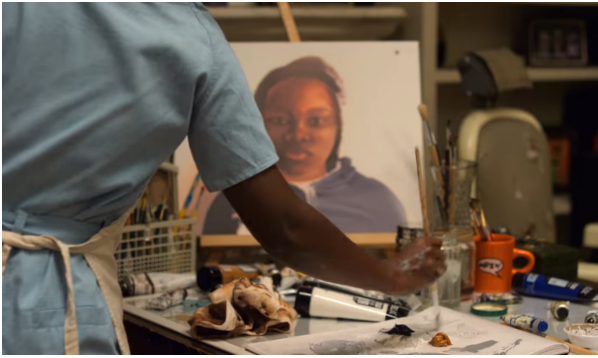
Figura 7- Rosana Paulino- Senhora das plantas



Figura 8- Pintura de Maria Auxiliadora

Para compor as cenas, os planos foram mesclados entre abertos e fechados, mesmo com uma lente única de 50mm. Refleti muito sobre este aspecto do que poderia ser intimista, entre a performance e a entrevista, que pudesse levar um pouco do particular de cada artista, e de como se sentem ao fazer arte. As mesmas possuem uma ligação muito forte com a arte, que é intensificada através da ancestralidade.

Procurei referências cinematográficas que ampliassem meu olhar em relação às cenas de uma forma natural e sensível. Entre as referências, introduzi um pouco do cineasta Spike Lee, devido à forma como a personagem Nola Darling da série "Ela Quer Tudo" é potente, e à forma como os planos gravados acentuam o seu poder. Na cena nacional, não podia deixar de utilizar como referência o filme "Café com Canela", do diretor Ary Rosa e da diretora Glenda Nicácio, pela sua bela história cheia de conexão e amor próprio. No meio musical, apoiei-me em clipes que reforçam as ideias poéticas com movimentos corporais, tais como Rito de Passá (Mc Tha); Bom mesmo é estar debaixo d'água (Luedji Luna); Lovezinho (Rachel Reis) e *Black is King* (Beyoncé). Por fim, o documentário "Filhas de Lavadeiras" da diretora Edileuza Penha de Souza, que foi um ponto forte como referência para as entrevistas, tornando um eixo para visualizar os enquadramentos.



Figuras 9, 10, 11 e 12- Frames da série ‘Ela quer tudo’



Figura 13- Frame do filme ‘Café com canela’

Figura 14- MC Tha - Rito de Passá

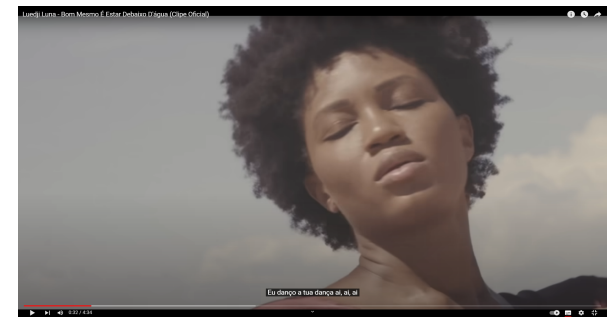


Figura 15- MC Tha - Rito de Passá

Figura 16- Luedji Luna - Bom Mesmo É Estar Debaixo D’água



Figura 17 e 18- Rachel Reis - Lovezinhos

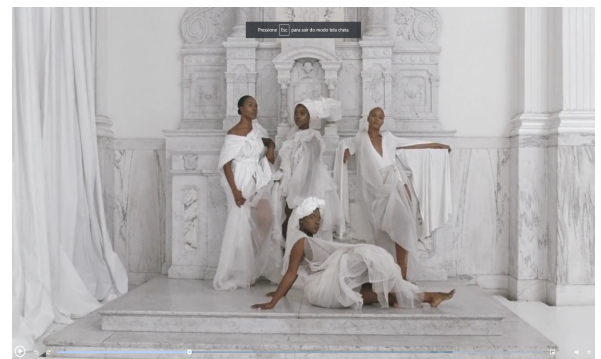
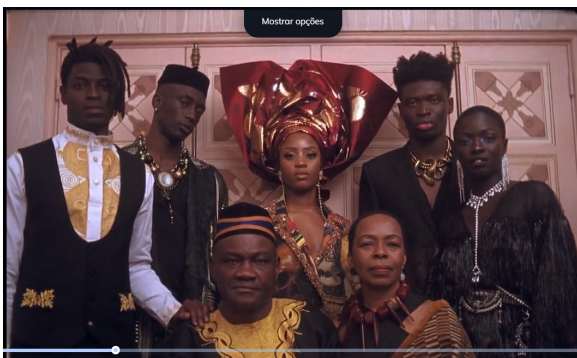


Figura 19 e 20- Black is King- Beyoncé



Figura 21- Filhas de lavadeiras

Visto que a maioria das minhas referências estavam bastante ligadas à natureza, observei os elementos que gostaria de acrescentar às cenas externas, tais como o contato com a água que se refere diretamente a Oxum, rainha das águas doces que traz riqueza, amor e beleza. Nas cenas internas, a intenção foi utilizar o espaço Mais Flor, com o intuito de que abrangesse essa captura da natureza, como o uso de cestos de plantas.



Figura 22, 23 e 24- Parque das Garças

Fonte: elaboração da autora



Figura 25 e 26- Espaço Mais flor

6.1.3 Roteiro das perguntas

Ao longo das reuniões, demos o primeiro passo, que consistiu em as artistas debaterem sobre a importância de produzir arte, amor-próprio e sobre as experiências que enfrentam em convívio social, o que me permitiu observá-las e tomar notas sobre pontos relevantes para possíveis perguntas. Pensei em formas para deixá-las confortáveis ao responder o questionário, tais como falar com elas antes das gravações para que se abrissem

comigo, já que algumas estavam tendo um primeiro contato com as câmeras, o que funcionou de maneira eficaz, pois foram se soltando aos poucos. Nas reuniões, deixei elas mais a vontade de contarem sobre elas e algumas questões já eram discutidas em relação ao documentário até mesmo para entenderem como iria funcionar durante as diárias.

Antes de marcar as diárias para as gravações, entrei em contato com minha amiga Laíssa para me ajudar na testagem das perguntas, e assim ver se as mesmas faziam sentido através de respostas. Fizemos o teste por vídeo-chamada, o que levou mais de uma hora debatendo sobre o que acrescentar ou alterar para chegarmos ao objetivo do projeto.

No questionário, adicionei perguntas introdutórias (nome, idade, signo, profissão, religião, entre outras) como primeiro contato com as entrevistadas, e, continuei em sequência de modo a que algumas respostas conduzissem a outra pergunta. Desta forma, não foi necessário responder todo o questionário, o que conseqüentemente deixou algumas partes do documentário difíceis de selecionar, visto que todas elas tratavam de questões profundas e pessoais. Antes de começar as gravações, tirava alguns minutos para conversar com as entrevistadas em relação às perguntas e para se sentirem confortáveis comigo. Abaixo, a lista de perguntas elaboradas:

- Já tiveram conversas relacionadas a questões raciais dentro da família?
- Como se encontrou na arte?
- Como expressa a ancestralidade através da arte?
- Como foi a trajetória de se reconhecer negra?
- Qual importância da sua autoimagem?
- Quando parou para se autoamar?

6.1.4 Contribuição de custos

Ao refletir sobre os recursos que dariam continuidade ao meu trabalho, minha orientadora sugeriu que eu organizasse uma rifa. Segui com a recomendação e ponderei sobre a forma de realizar uma rifa que atraísse a atenção com base nos prêmios, então entrei em contato com possíveis colaboradoras que muito me ajudaram. Particularmente, não me agrada expor meus projetos em redes sociais, mas era necessário dar andamento. Com isso, após uma conversa com as colaboradoras, a rifa foi dividida em quatro prêmios: um ensaio fotográfico feito por mim; alguns produtos de uma loja de sex shop; roupas íntimas e pijamas de outra loja e por fim, uma ecobag feita a mão com mimos dentro.



Figura 27- Rifa

Gravei um vídeo explicando o motivo da rifa, a importância da colaboração coletiva e informei a data da arrecadação, que foi iniciada em 8 de agosto. Recebi ajuda de várias maneiras, seja através de divulgação, compra de números, e o que mais me surpreendeu foi a quantidade de apoio que chegou, não apenas pelo prêmio, mas de pessoas que realmente acreditavam no projeto. Dos duzentos números que disponibilizei na rifa, consegui coletar a metade, o que foi de grande ajuda para cobrir alguns dos custos necessários. Após quase dois meses de divulgação, o sorteio foi realizado em 4 de outubro, sorteando os vencedores.



Figura 28- Frames do vídeo divulgando a Rifa

6.2 Produção

A partir das reuniões com as possíveis personagens e a formação da equipe, dei início à organização de planos de filmagem, decupagem, escolha dos equipamentos, bem como outros assuntos a serem organizados. Tive a preocupação de selecionar mulheres interessadas em colaborar com meu trabalho; algumas delas são colegas do curso, outras de outros cursos ou graduadas. Mas, em algumas funções tem a participação de homens, como em som e colorização.

As primeiras reuniões foram organizadas em relação à fotografia, onde discutimos sobre o equipamento que podíamos utilizar, assim como as ideias de cada cena do roteiro e suas referências. Neste meio tempo, antes de decidir sobre as possíveis locações, visitei primeiro a Concha Acústica, que não me despertou tanto interesse, pelo que imaginava para as cenas externas. Fiz muitas pesquisas e encontrei o Parque das Garças, que chamou minha atenção por ter pedras na beira do lago, o que me fez lembrar da referência do filme “Café com canela”. Em seguida, visitei o espaço Mais Flor, onde normalmente fazem gravações e organizam eventos, o que achei interessante devido à quantidade de objetos que me permitiriam fazer as cenas internas e por isso o escolhi.

Com os locais selecionados e certas partes organizadas em relação à fotografia, discutimos a respeito da arte, do que poderia ser interessante para o figurino, maquiagem e cenário. O figurino foi decidido com a diretora de arte Karla Luz e Larissa de ter cores mais marcantes, como bege, vermelho, amarelo e laranja, a fim de ter contraste entre eles, os locais e acessórios dourados que remetem aos orixás femininos. Cores que trazem a sensação de poder e realçando a beleza.

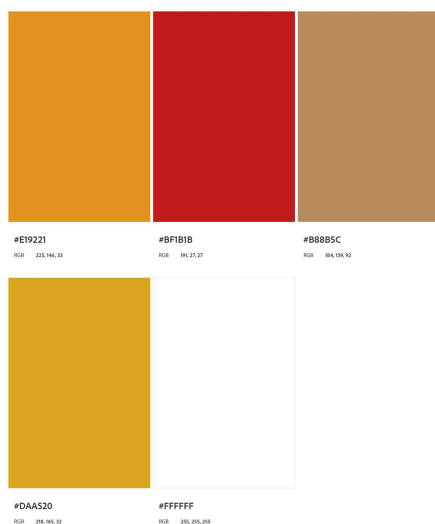


Figura 29 - Cores Figurino (Karla Luz e Larissa)

Na maquiagem, foi considerado algo mais neutro e clássico, e para obter o serviço das maquiadoras, que são ótimas profissionais da área, pude fazer o pagamento por meio de uma troca de fotos, o que me ajudou com o custo. Quanto aos cenários, foram utilizados instrumentos e materiais de uso particular de cada artista.

As diárias foram divididas em 3 dias:

A primeira diária ocorreu no dia 9 de outubro, em um dia muito ensolarado, e foi reservado para a entrevista de Regina e Camila. Como elas estavam maquiadas, optei por começar com seus depoimentos e deixar as cenas que exigiam mais esforço para mais tarde. Assim segui, embora não soubesse o que esperar das reações que poderiam surgir durante os depoimentos. A entrevista durou cerca de 42 minutos, de muito conhecimento sobre suas trajetórias, o que foi muito emocionante, pois Regina lembrou-se de alguns momentos importantes de sua vida. A história da criação do grupo de samba de roda contém uma conexão muito forte entre as mulheres e nota-se como elas se sentem bem ao começarem a tocar os instrumentos musicais. Nas cenas seguintes, chegam as outras 8 mulheres que são membros do grupo, com os tambores, pandeiros, entre outros.



Figuras 30, 31 e 32- Making of



Figuras 33 e 34- Camila e Regina

Fonte: elaboração da autora

O segundo dia ficou para doze de novembro, foi um dia mais denso, porque eu pretendia aproveitar do local alugado, Mais Flor, para filmar praticamente metade do roteiro, que eram cenas internas. Uma das razões pelas quais eu gostaria de aproveitar, se referia às artistas, pois desejava reuni-las para filmar a última cena, o que foi complicado, já que duas haviam desistido três dias antes por questões pessoais. Felizmente, consegui encontrar outras duas artistas no tempo, Haynna, a cantora e Karla Luz, que fazia parte da equipe de direção de arte. Passamos o dia inteiro gravando, e tivemos sorte de não haver cenas externas, já que foi um dia muito chuvoso.

Após a gravação da cena final, a qual reúne as artistas, segui para a cena em que a poetisa Karla recita seu poema, seguida pela gravação do depoimento da Haynna, que foi mais direta em suas respostas, mas não deixando de ser uma declaração potente, com duração de 29:44 minutos. Após a entrevista, ela canta olhando para o espelho e anda pelo espaço até sentar em uma cadeira. Por fim, mesmo exausta, gravei a cena inicial em que apareço no documentário. Em algumas cenas, foi reservado um espaço para o uso de um tecido cinza.

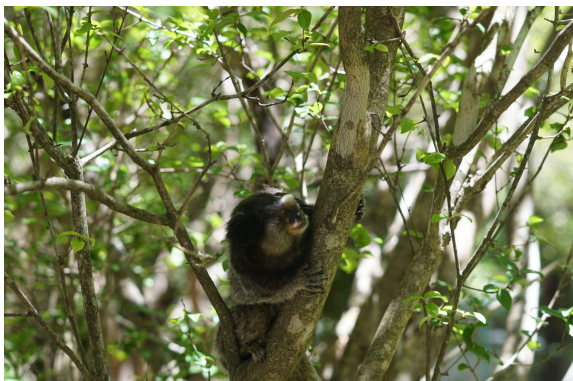


Figuras 35, 36 e 37- Making of



Figuras 38, 39, 40, 41 e 42- Regina, Haynna, Karla Luz, Camila e Ju Germano
Fonte: elaboração da autora

A terceira diária ocorreu no dia 13 de novembro, que foi marcado pelo dia em que alguns macaquinhos apareceram, provavelmente atraídos pelos lanches que trouxemos. Depois de dispersos, começamos a preparação para a entrevista de Ju Germano, que durou cerca de 30 minutos, a qual teve muito aprendizado por causa das respostas profundas. Gravamos durante a manhã de domingo, ocasião em que o clima cooperou muito. Utilizamos materiais como pinturas, quadros e pincéis.



Figuras 43, 44 e 45- Making of



Figura 46- Fonte: elaboração da autora

Ju Germano

Foram selecionados dois locais para tornar o deslocamento tranquilo e de fácil acesso. Pensei também em horários flexíveis e estratégicos para não ocupar muito tempo das pessoas. E a questão de não ultrapassar tanto os horários foi planejada de acordo com as ordens do dia e do cronograma.

Houve mais uma diária em dezembro, dia primeiro de dezembro, na qual gravei *voz over* da minha parte no estúdio de laboratório de áudio na FAC com o auxílio do Nicholas César, que também reservou o laboratório. Passamos uma hora captando o áudio com algumas repetições até melhorar o timbre de voz e dicção em algumas palavras.

6.3 Pós- produção

Na última fase do projeto, marquei uma reunião com a equipe de pós-produção para analisarmos em conjunto o material, cada um dando sua opinião de acordo com sua respectiva função. Passei cerca de dez dias analisando e decupando as respostas mais relevantes para o meu trabalho, o que foi bastante difícil para me desapegar de algumas partes. Em vinte e oito de dezembro, entreguei a decupagem desejada de cada depoimento e as possíveis cenas performáticas para a Bárbara Varela seguir com a primeira edição.

A decupagem foi através de minutagem de cada depoimento do início de uma parte da entrevista até em qual momento seria interessante encerrar. Dividi as respostas com base nas

perguntas feitas durante a gravação, o que em alguns momentos conseguia escutar as perguntas que fazia ou através das respostas lembrava o que poderia fazer sentido com a pergunta do questionário. Assim, primeiro assistia todos os depoimentos e fazendo anotações. Depois assistia novamente com as respectivas partes mais relevantes, anotando a minutagem que poderia responder as perguntas.

Depois de ter feito toda a seleção das entrevistas, refiz o roteiro com base na divisão das perguntas e respostas e quais imagens performáticas para compor os depoimentos que sutilmente houvesse essa divisão de cada tópico do questionário.

Enquanto o material estava sendo editado, fiz uma seleção de fotos que tirei separadamente de cada personagem, de modo a poder editá-las. Uma ilustração digital para o cartaz do documentário também estava sendo feita durante este período de pós-produção.



Figura 47- Ilustração de Mari Vasques

No final de dezembro, recebi o primeiro corte com a edição de imagens e som, que durava cerca de 42 minutos. Após duas semanas analisando juntamente com Barbara cada detalhe da primeira edição, e o que poderia ser cortado de acordo com as sugestões da minha orientadora, sem perder a mensagem a ser transmitida, eu, infelizmente, tive que me desapegar de várias partes gravadas e fui reduzindo o documentário até atingir a duração desejada.

7. Considerações finais

Durante o processo de decisão sobre o documentário, me questionei várias vezes sobre como a invisibilidade das mulheres negras que produzem arte no Distrito Federal é recorrente, e refletindo sobre como esses corpos carregam contextos ancestrais nos quais durante muito tempo houve tentativas de apagamento, decidi prosseguir com esse processo de se descobrir como negra. O processo de construção deste trabalho tornou-se um momento de despertar o que fazia sentido em minha mente e o que eu queria colocar em prática. Assim, reuni trajetórias de mulheres negras, o que me fez conectar profundamente com experiências semelhantes às minhas, pois, nosso corpo tem uma predominância da cor que traz a potência do que é ser negra, e carrega todos os vestígios ancestrais que se completam através de traços, como os cabelos que são constantemente ridicularizados, ou que infiltram o racismo através de falsos elogios.

Com isto, busquei usar de uma linguagem visual que levasse a construção da identificação através do protagonismo do corpo. Esse encontro com o mundo negro me ajudou a me reconectar com todas as formas de expressar a sensibilidade de olhar para outras mulheres negras, e retratá-las com afeto, já que por muito tempo nossos corpos passaram por piadas insensíveis.

O documentário *Corpo Cor* constituiu-se em um meio mais pertinente de trazer depoimentos onde as mulheres contam sobre ressignificação da ancestralidade conectando com a arte, e, com isso, buscam em seu interior o pertencimento do seu passado que por muito tempo foi esquecido. Passei por vários contratemplos nos quais considerei muitas vezes desistir. Ano passado, após o período em que a Covid estava muito presente, retornar ao contato com o exterior, como voltar a dialogar com outras pessoas, foi muito problemático, visto que eu estava em um momento de autoconhecimento com meu corpo e tudo acontecia em simultâneo.

Este projeto foi extremamente importante para me desafiar a expor minha voz, porque, mesmo com os obstáculos, especialmente com minha insegurança, me dispus a arriscar e me fortaleci ao pensar na mensagem que desejava levar com este trabalho. Muito foi pensado para as cenas, mas devido ao baixo orçamento, e com a falta de alguns equipamentos e objetos para os cenários, acabou sendo descartado. Minhas emoções estiveram à flor da pele durante o período de gravação, mas apesar do estresse causado pela desistência de algumas pessoas, bem como por vários outros contratemplos, o resultado final se mostrou lindo devido à colaboração da equipe.

Estabelecer um relacionamento e dar abertura a diálogos nos quais eu pudesse ter mais informações sobre as entrevistadas antes das gravações facilitou a construção do questionário. Todas deram vida ao documentário através de belos depoimentos que mostram o objetivo deste projeto, e observar o trabalho de cada uma delas foi um acréscimo para mentalizar como seriam as performances durante a escrita do roteiro, visto que eu já imaginava os locais da cena. O que realçou a singularidade de cada uma delas, toda a beleza da cultura afro através dos trabalhos artísticos. Durante as entrevistas, me emocionei algumas vezes com a magnitude das histórias e como elas fazem parte do meu processo de pertencimento.

A intenção é levar para além do ambiente acadêmico as vivências desses artistas, que servem de inspiração para esse encontro com os ancestrais. Conectar-se com algo que se parece com a própria imagem, prevalecer dentro de si a sensação de ser negro; permitir-se nos espaços a presença ancestral.

No quesito autoestima, tanto na aceitação dos cabelos crespos como em outros traços negros herdados, a construção imagética que criei para mim me transforma de dentro para fora. Faz eu me sentir poderosa, confiante e acolhida, ainda que em espaços solitários. Quanto mais me aprofundo nesta busca, mais segura e mais imersa em mim mesma me sinto.(BRASIL, 2022, p.24)

REFERÊNCIAS

- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 1-112.
- BRAGA, Amanda. *Histórias da beleza negra no Brasil: Discursos, corpos e práticas*. 1. ed. São Carlos: Edufscar, 2015. p. 1-273.
- BRASIL, Luiza. *Caixa preta: Negritude, pertencimento, feminino e autoestima, relacionamentos y otras cosas más*. 1. ed. São Paulo: Globo Livros, 2022. p. 1-229.
- COUTINHO, Laura Maria. Salto para o futuro. *Cinema e educação: um espaço em aberto*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 1-38, mai./2009.
- ECOLE BRASIL. Tons de pele negra: conheça 6 distribuições presentes na coloração pessoal. Disponível em: <https://ecolebrasil.com/blog/tons-de-pele-negra-conheca-6-distribucoes-presentes-na-coloracao-pessoal/>. Acesso em: 3 fev. 2023.
- FORA DE QUADRADO. O olhar opositivo – a espectadora negra, por bell hooks. Disponível em: <https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- FREITAS, Kenia; GONÇALVES, Paulo Ricardo. *Catálogo de diretoras negras do cinema brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Voa!, 2017. p. 1.
- HOOKS, Bell. Amor como prática de liberdade. 1. ed. Nova Iorque: [s.n.], 2006. p. 243-250.
- ITALIANO, R. O. V. E. C. A. Contemporânea: comunica~]ao e cultura. O diário como dispositivo e o efeito do eu no cinema, *Belo Horizonte*, v. 13, n. 03, p. 708-724, dez./2015.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 1-249.
- LORDE, Audre. Apresentação lida no painel sobre Lesbianismo e Literatura, da Associação de Língua Moderna,: *A Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação*. 1. ed. Chicago: Illinois, 1978. p. 1-36.
- MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir. *O cinema do real*. 1. ed. São Paulo: Cosa & Naify, 2005. p. 1-286.
- MULHER NO CINEMA. Cinema nacional exclui mulheres negras, aponta estudo. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/numeros/estudo-da-ancine-mostra-exclusao-de-negros-sobretudo-mulheres-no-cinema-nacional/>. Acesso em: 25 dez. 2022.

MULHERES DE LUTA. Oxum, a rainha do ouro e senhora das emoções. Disponível em: <http://www.mulheresdeluta.com.br/oxum-a-rainha-do-ouro-e-senhora-das-emocoes/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. Usando um catálogo de cores, artista revela a diversidade dos tons de pele. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2018/04/usando-um-catalogo-de-cores-artista-revela-a-diversidade-dos-tons-de-pele>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ND+. Mulheres negras são 28% da população brasileira, mas ocupam apenas 3% dos cargos de liderança. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cidadania/mulheres-negras-sao-28-da-populacao-brasileira-mas-ocupam-3-dos-cargos-de-lideranca/>. Acesso em: 26 dez. 2022.

NEGRESTUDO. MAPEAMENTO DE ARTISTAS REPRESENTADES PELAS GALERIAS DE ARTE DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://projetoafro.com/editorial/artigo/negrestudo-mapeamento-artistas-representades-pelas-galerias-de-arte-de-sao-paulo/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016. p. 1-236.

PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: da pré produção a pós produção. 3. ed. Campinas, SP: PAPIRUS, 2012.

RODRIGUES, G. D. S. O algoritmo e a internet: a invisibilidade do corpo negro nas redes sociais. Portal Geledés, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-1, abr./2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-algoritmo-e-a-internet-a-invisibilidade-do-corpo-negro-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

RODRIGUES, João Carlos. O negro brasileiro e o cinema. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 1-223.

SANDRA MAUNAC. Humanæ. Disponível em: <https://www.sandramaunac.com/en/projects/humanae-work-in-progress/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

SANTANA, M. P. D. MULHERES NEGRAS, PERFORMANCE NEGRA E REINVENÇÕES: reflexões sobre a performance negra e as mulheres negras como artistas e intelectuais. CAOS, João Pessoa, v. 1, n. 26, p. 55-77, jan./2021.

SOUZA, Elizandra; APARECIDA, Iara. Literatura Negra Feminina: Poemas de sobre(vivencia). 1. ed. São Paulo: Mjiba, 2021. p. 1-169.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1. ed. [S.l.]: Zahar, 2021. p. 1-176.

WEBER, Florence. Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos. 1. ed. São Paulo: VOZES, 2007.

Filmografia

ARAGÃO. Jorge. Identidade. 1992. Chorando estrelas

RODA VIVA. Liniker. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=A6MWHM0O5Tg&list=LL&index=3&t=1003s>. Acesso em: 19/12/2022

Invenções de Natal. David E. Talbert. Estados Unidos. 260 degrees entertainment. 2020.

Netflix

Ela quer tudo. Série. Spike Lee. Estados Unidos. 2017. Netflix

Café com Canela. Filme. Ary Rosa, Glenda Nicácio. 2018. Prime Video

Filhas de lavadeiras. Documentário. Edileuza Penha de Souza. 2019

Black is King. Filme musical. Beyoncé, Blitz the Ambassador, Kwasi Fordjour. 2020.

Disney+

ANEXOS

Roteiro

Corpo cor:
Um documentário sobre pertencimento de artistas negras

Tratamento 5

Por

Duda Rodrigues

2022

Email: eduardarodriguesunb@gmail.com

1 INT. CENTRO MULTICUTURAL "MAIS FLOR"- DIA

EDUARDA, 26 anos, cabelo crespo e solto, está usando vestido e maquiagem leve. Permanece sentada no chão e ao fundo o tecido.

EDUARDA "V.O"

Ser preta hoje é amar cada detalhe que vê nos reflexos, é representar inúmeras ancestrais que tiveram sonhos e cuidados arrancados. Reconhecer que seu corpo é completamente carregado de resistência. É ser potência social e criar laços coletivos entre os seus para fortalecer. Estamos aqui para que possamos ressignificar os nossos papéis sociais. Tudo faz sentido sobre a própria importância no mundo, valoriza cada detalhe do corpo. Que ser preta hoje pode ser o que quiser e estar onde quiser. Só você sabe as lutas enfrentadas no subconsciente de como é se olhar com carinho em meio a tanta poluição padronizada. A cobrança que enfrentamos internamente é duas vezes mais para reexistir na sociedade que sempre quer opinar algo desnecessário ou simplesmente não querem dar espaço. As mulheres negras representam 23,4% da população brasileira, transcendem que somos plurais de sonhos, traços, cores, cabelos... somos evolução

Durante a narração, EDUARDA olha para o próprio corpo, se abraça fechando os olhos sentindo a paz naquele momento, se acarícia, arruma o cabelo e em seguida olha fixamente para frente.

2 EXT. PARQUE DAS GARÇAS- DIA

REGINA, 55 anos (cabelo crespo e curto, baixa), CAMILA, 32 anos (pele retinta e cabelo curto amarrado e crespo), sentadas na beira do lago, com os pés descalços, molham as mãos e os braços.

CAMILA E REGINA

(iniciam a música)

AVOOU, AVOOU, AVOOU

(MORE)

CAMILA E REGINA (CONT'D)
 AVOOU, AVOOU, AVOOU
 AVOOU, AVOOU, AVOOU

Vão em direção ao centro da roda formada entre mulheres. Dançam juntas enquanto o grupo de 9 mulheres (Sambadeiras de Roda) tocam alguns instrumentos musicais. Estão vestindo com vestes compridas. Sambam no ritmo do canto ao fundo do grupo que está cantando.

GRUPO SAMBADEIRAS

NO BEIÇO DO RIO TEM UM PEIXE
 DOURADO,
 MENINA BONITA COM SEU NAMORADO
 PENTEANDO SEUS CABELOS, COM PENTE
 DE BARBATANA
 DEUSAAA

Inicia a entrevista

CAMILA
 Como foi a aproximação com a REGINA durante a pandemia. O que resultou de conversas de coisa que incomodava

REGINA
 O que fazia a tempo dentro de si a ancestralidade e como nas conversas com a CAMILA teve o fortalecimento de fundar o grupo Sambadeiras de roda.

4 EXT. PARQUE DAS GARÇAS- DIA

Ju, 42 anos (cabelo curto e grisalho), pega o pincel, passa o tempo olhando para o quadro pensando o que vai desenhar. Respira fundo enquanto pega as tintas e coloca na paleta. Em seguida, começa a pincelar o papel durante o pôr do sol de uma tarde ensolarada.

JULIANA GERMANO
 Conta a potencia de ser sensível que leva para uma perspectiva de ver o mundo diferente e o que torna referencia para suas obras e para o lado pessoal de se reconhecer.

5 INT. CENTRO MULTICULTURAL "MAIS FLOR" - DIA

Haynna, 33 anos, cabelo cacheado e solto, anda em um espaço com algumas esculturas, objetos e plantas. Local em silêncio, Thais começa cantar enquanto observa as coisas ao seu redor.

HAYNNA

(canta)

O que é ser livre, um riso triste
Mostra a casca, é perfeita

Entrevista

HAYNNA (CONT'D)

Fala que é ancestral quando se trata de se conectar na música nos gêneros de blues, rock...

JULIANA GERMANO

A importância da artes por trazer lembranças dos antepassados.

CAMILA

Um momento que se conecta diretamente com a ancestralidade

Imagens das sambadeiras

REGINA

A experiência dentro do samba de roda como um processo de relembrar a ancestralidade.

5 EXT. PARQUE DAS GARÇAS- DIA

IMAGENS DA JU PINTANDO

JULIANA GERMANO

O contato com o avo que sempre mostrava referência de pessoas negras.

HAYNNA

A mãe negra que é uma inspiração

Grupo samba de roda cantam e sambam

A QUEM DERA SER O ESPELHO AMOR, PRA
CLAREAR SUA CAMA AIA
A QUEM DERA SER O ESPELHO AMOR, PRA
CLAREAR SUA CAMA AIA
(MORE)

HAYNNA (CONT'D)
 AVOOU, AVOOU, AVOOU
 AVOOU, AVOOU, AVOOU

Movimentam a parte de baixo das vestes compridas enquanto sambam e rodam.

REGINA
 O momento que entrou na capoeira
 que se encontrou.

CAMILA
 Processo de se perceber.

6 Int. Centro multicutural "Mais flor"- dia

CONTINUA ANDANDO ENTRE OS OBJETOS, TOCA EM CADA UM DELES ENQUANTO CANTA.

HAYNNA
 Tão vulgar
 As pessoas cada vez mais
 Se distanciam do amor
 Mas eu insisto, mas eu credito
 No poder do meu canto preto
 Na história da minha vida intensa
 Apesar de todo desamor presente
 Eu vou gritar, pra que você não
 esqueça
 Eu não vou estacionar, não vou
 Você vai me ouvir cantar
 Onde você for, onde você for

A sua frente, uma cadeira perto dos objetos do local, Haynna senta enquanto encerra a música.

HAYNNA (CONT'D)
 Conta a relevância do autoamor

JULIANA GERMANO
 Não precisa ser sempre uma super
 preta.

7 INT. CENTRO MULTICUTURAL "MAIS FLOR"- DIA

O fundo cinza e luz que forma um círculo, Karla Luz, 21 anos, cabelo cacheado, aparece com a maquiagem leve e com umas plantinhas pequenas próximas dos olhos como se fosse o quadro da Rosana Paulino- senhoras das plantas.

KARLA LUZ

(recita o próprio poema)

O que você responde quando te
perguntam quem você é?
Eu poderia dizer que sou estudante,
artista, mulher, preta.
Mas essas palavras não bastam pra
me definir.
Poderia dizer das minhas paixões,
afetos, interesses hobbies.
Mas por mais que tudo isso diga
muito sobre minha personalidade,
também não são capazes de responder
essa pergunta
Poderia dizer quem sou por causa do
sangue que corre dentro de mim, dos
genes que dizem que sou filha de
Maria e Carlindo, irmã de
Emanuella.
No fim, pra responder essa pergunta
precisarei ir além: da minha
história, da minha herança, e até
de mim.
Precisarei ouvir a voz que ecoava
desde o princípio dizendo: façamos
a nossa imagem e semelhança.
E isso é muito bom.
Ninguém pode dizer que não é.
Foi Deus quem me criou assim.
Ele me vê
Bela, preciosa e amada.
Por isso sou barro formado pelas
mãos do Artista.
Sou história escrita pelo Verbo.
Enquanto vivo, descubro quem eu sou
Naquele que é O Grande Eu Sou.

8 INT. CENTRO MULTICUTURAL "MAIS FLOR"- DIA

Finaliza com todas as mulheres olhando para a câmera.

Equipe

Equipe	Função
Duda Rodrigues	Diretora e Roteirista
Ester Macedo	Assistente de Direção
Mari Vasques	Produção
Carol Rosa	Assistente de Produção
Bruna Cardoso	Fotógrafa
Angela Braga	Assistente de fotografia
Agnes	Captação de som
Bruna Cardoso	Captação de som
Nicholas César	Captação de som
Karla Luz	Direção de Arte
Larissa Barbosa	Direção de arte
Bárbara Pinheiro	Edição
Victor Santos	Colorização
Nicholas César	Pós som
Mari Vasques	Fotografia still
Nathalia Costa	Maquiagem
Dafne	Maquiagem
Wanessa Azevedo	Maquiagem
Raquel Angel	Maquiagem
Pérola negra	Trancista

Cronograma de filmagem

Dia 9 de outubro de 2022- Local Parque das Garças

Hora	Loc	Cena	I/E; M/T	SINOPSE
13h30	PDG	Todos em set		
13h30	PDG	Conferir equipamentos e objetos		
		Montagem do cenário		
		Maquiagem e figurino		
15h00	PDG	2	E; M	Entrevista
16h00	PDG	Lanche		
16h30	PDG	3	E; M	Regina e Camila com o grupo Sambadeiras de Roda
18h00	PDG	Desprodução Conferir equipamentos e objetos Logagem		
18h20	PDG	Fim de Set		

Dia 12 de novembro de 2022- Local Mais Flor

Hora	Loc	Cena	I/E; M/T	SINOPSE	Elenco	Figurino
9h	Mais Flor	Todos em set				
9h30	Mais Flor	Conferir equipamentos e objetos				
		Montagem do cenário				
		Maquiagem e figurino				
11h15	Mais Flor	9	I; M	Encerramento do Documentário em que todas aparecem.	Camila, Regina, Duda, Haynna, Ju, Karla Luz	Blusas: vermelhas/laranja; saias vermelhas com estampa; vestido amarelo; vestido marrom; calça amarela e blusa

						cinza
11h30	Mais Flor	8	I; M	Performanc e da poetisa	Karla Luz	vestido marrom
12h	Mais Flor	1, 8	I; T	Gravar voz over das cenas	Karla Luz	Vestido amarelo; calça amarela e blusa cinza
12h30	Mais Flor	Almoço				
13h00	Mais Flor	7	I; T	Entrevista: processo de reconhecim ento, conexão com a ancestralida de...	Haynna	Vestido marrom
13h50	Mais Flor	6	I; T	Cantora canta enquanto anda entre o espaço com os objetos.	Haynna	Calça amarela e blusa cinza
14h	Mais Flor	1	I; T	Duda aparece	Duda	Vestido amarelo
14h40	Mais Flor	Desprodução Conferir equipamentos e objetos				
15h	Mais Flor	Fim de Set				

Dia 13 de novembro de 2022- Local Parque das Garças

Hora	Loc	Cena	I/E; M/T	SINOPSE	Elenco	Figurino
8h30	PDG	Todos em set				
8h30	PDG	Conferir equipamentos e objetos				
		Montagem do cenário				
		Maquiagem e figurino				
9h30	PDG	5	E; M	Entrevista	Ju	Blusa laranja e saia

						vermelha
10h30	PDG	Lanche				
11h00	PDG	4	E; M	Ju pintando o quadro.	Ju	Blusa laranja e saia vermelha
11h40	PDG	Desprodução Conferir equipamentos e objetos Logagem				
12h	PDG	Fim de Set				

Orçamento

ESPECIFICAÇÃO	VALOR TOTAL
Combustível	R\$ 310
Arte/maquiagem	R\$ 660
Locação Mais Flor	R\$ 300
Alimentação	R\$ 280
Som	R\$ 70
Outros itens	R\$ 50
Total	R\$ 1.670

Link Documentário

https://unbbr-my.sharepoint.com/personal/180116991_aluno_unb_br/_layouts/15/stream.aspx?id=%2Fpersonal%2F180116991%5Faluno%5Funb%5Fbr%2FDocuments%2FCorpo%20negro%2FCORTES%20FINAIS%2FFinal%20%2D%20com%20som%20e%20cr%C3%A9ditos%2Emp4&ga=1